

A EFICÁCIA DO EROTISMO NA LITERATURA DOS SÉCULOS PASSADO

Gilvan Dias Soares¹

RESUMO

Por meio das grandes elaborações que vinculam sexualidade e subjetividade, este trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão a respeito do conceito fundamental de pulsão, tendência e literatura, tendo em vista ser um construto teórico capaz de demarcar a descontinuidade da psicanálise em relação à ciência sexual, que produziu, na modernidade, um saber sobre o sexo como verdade do sujeito. Inicialmente, situa-se o caráter cientificista da psiquiatria para, em seguida, destacar o aspecto distintivo da teoria Queer mediante a compreensão do campo pulsional através do erotismo. Finalmente, ressaltar a amplitude da concepção sobre o erotismo estabelecida pela psicanálise, que, por ultrapassar questões reprodutivas, posiciona-a como uma teoria bastante relevante para analisarmos os novos formatos que a sexualidade vem assumindo atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidades. Teoria. Psicanálise.

ABSTRACT

Through the great elaborations that link sexuality and subjectivity, this work aims to bring a reflection about the fundamental concept of drive, tendency and literature, in view of being a theoretical construct capable of demarcating the discontinuity of psychoanalysis in relation to sexual science, which produced, in modernity, a knowledge about sex as the subject's truth. Initially, the scientific character of psychiatry is situated to highlight the distinctive aspect of Queer theory through the understanding of the drive field through eroticism. Finally, to emphasize the breadth of conception on the eroticism established by psychoanalysis, which, by surpassing reproductive issues, positions it as a very relevant theory to analyze the new formats that sexuality has been assuming today.

KEY-WORDS: Sexualities. Theory. Psychoanalysis.

¹ Graduando do curso de Letras - português/inglês na Faculdade Capixaba da Serra.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre sexo e verdade tornou-se fundamental para os modos de subjetivação da modernidade. Especialmente no século XIX, tendo como uma de suas questões centrais a própria constituição daquilo que nomeamos sexualidade. Tomada como algo que faz parte da idealização de uma natureza humana, pois vinculada à reprodução e a seu aspecto essencial para a existência dos seres vivos, a sexualidade acabou sendo compreendida, em função disso, como detentora de um caráter de perenidade e de imutabilidade.

Sem muitas demandas Rosa (2008), deixa bem explícito o que é preconceito e descreve dizendo que é:

Uma atitude não positiva contra pessoas de um grupo que não se identifica, fundamentado apenas por pertencer ao grupo, ou seja, um sujeito que tem preconceito contra homossexuais, vai atribuir a todo o grupo as mesmas características, achando que todos os homossexuais são iguais (ROSA, 2008, p. 179).

Com tudo isso, foi com relação à reprodução que puderam ser definidos o desvio, as patologias e os tratamentos adequados àquilo que fugia a essa regra biológica. Daí a preocupação com a manutenção da família burguesa, que se transformou, então, no modelo ideal para todas as constituições familiares vindouras, tendo em vista a fixidez dos papéis de suas personagens, facilitando, assim, o regramento de suas práticas sexuais.

Para certos autores, alguns termos se mantêm hegemônicos por meio da negação de determinados assuntos, sobre os quais se afirmam por meio de uma hierarquia, mas para Halperin (1995) sobre heterossexualidade ele define dizendo:

A heterossexualidade define a si mesma sem se problematizar, ela se eleva como um termo privilegiado e sem marca, pelo processo de tornar abjeta e problemática a homossexualidade. Assim, a heterossexualidade depende da homossexualidade para lhe tomar substância – o que permite que ela adquira seu status de dada, como uma falta de diferença ou uma ausência de normalidade (HALPERIN, 1995, p.44).

Dessa forma, as distinções históricas quanto à forma como se lida com o sexo são definidas como; a carne para os cristãos e a sexualidade para o homem moderno, uma tradução do veio do grego os Aphrodisia. Se na Grécia Antiga os atos sexuais não regiam a constituição de quem se é, pois não havia ainda a experiência de uma interioridade que singularizava os sujeitos e os identificava às suas preferências sexuais. Se formos analisar de fato, veremos que a carne não é inteiramente sinônimo de sexualidade, tendo em vista que o pecado da gula também será configurado como problema, pois as mesmas ressaltariam sobre a mesma dimensão.

Diante da nostalgia do “essencialismo estratégico”, vale recordar que Foucault (1999), posicionou-se sobre o uso tático da identidade, ou seja, apenas em contextos pontuais e de curto prazo, mas, no longo prazo, defendeu a necessidade de uma estratégia não idêntica, onde diz que:

Neste domínio, nem sempre eu fui bem compreendido por certos movimentos visando a liberação sexual na França. Embora do ponto de

vista tático seja importante poder dizer, em dado momento, 'Eu sou homossexual', não deve, em minha opinião, por um tempo mais longo e no quadro de uma estratégia mais ampla, formular questões sobre a identidade sexual. Não se trata portanto, neste caso, de confirmar sua identidade sexual, mas de recusar a imposição de identificação à sexualidade, às diferentes formas de sexualidade. É preciso recusar satisfazer a obrigação de identificação pelo intermédio e com o auxílio de uma certa forma de sexualidade [...] Eu me recuso a aceitar o fato de que o indivíduo pudesse ser identificado com e através da sua sexualidade (FOUCAULT, 1999, p. 306).

Entretanto, foi apenas através da constituição do dispositivo da sexualidade, e de sua disseminação, que se abriu a possibilidade de colocar uma questão que se tornou inevitável, ou uma pergunta, bastante coerente: Que ser sexual é você? Essa pergunta foi evocada principalmente em relação ao que foi produzido no período oitocentista, conforme foi salientado acima, leva-nos a outro questionamento, mais voltado para os dias de hoje: será que a relação que temos com nós mesmos ainda nos constitui como seres sexuais? Não há dúvidas de que o mundo atual tornou-se distante, em muitos aspectos, daquele que foi discutido anteriormente na história da sexualidade.

Abordando sobre esse tema, a Teoria Queer propôs uma atenção mais crítica a uma política do conhecimento e da diferença Miskolci (2007), descreve dizendo que:

Dessa forma, os estudos Queer se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e os interesses a eles associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomaria, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, na perspectiva Queer, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. Queer desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles (MISKOLCI, 2007, p.10-11).

Essa atração, nos chama a atenção para o fato de que a relação estabelecida pelo sociólogo, entre essa teoria Queer, nos admite e diz respeito a um modo de subjetivação hoje em declínio. Neste, aspecto observa-se uma minimização da experiência voltada para a interioridade e um incremento da identidade referenciada ao corpo, ou seja, um corpo configurado em termos médicos. Ainda assim, ressalta o método e as análises propostas por Foucault permanecem válidas para pensarmos as mudanças pelas quais vêm passando a forma como lidamos com a nossa sexualidade e a maneira como estamos constituindo aquilo que denominamos de subjetividade contemporânea. Em termos dessa subjetividade a perspectiva Queer constitui uma proposta que se baseia na experiência subjetiva e social da abjeção como meio privilegiado para a construção de uma ética coletiva.

Portanto, o propósito deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a concepção de sexualidade para os séculos anteriores, trazendo o conceito de pulsão como uma especificidade essencial da teoria, pois demarca uma descontinuidade em relação às demais estratégias para produzir o sexo-verdade na cultura moderna.

Para atingir a um objetivo maior, tomou-se como referência, dentro do dispositivo da sexualidade, a psiquiatria que sustentou sua cientificidade para, em seguida, ressaltar sobre a teoria freudiana em seus aspectos emblemáticos, como o campo pulsional e erótico. Por fim, discutir sobre a mudança na maneira como lidar com a sexualidade hoje em dia e de que forma a psicanálise pode se inscrever nessa eficácia.

Desse modo, busca-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica, que expandirá sobre a eficácia do erotismo, para que todos possam conhecer melhor esse assunto e serem capaz de apreciar um convívio diferenciado dos que estão acostumados a vê.

Para Ferrão (2007), o método bibliográfico esta relacionando com esse tipo de pesquisa, pois ele próprio aborda dizendo que:

Para o acadêmico, a pesquisa bibliográfica é a técnica mais importante, pois através dela, adquire-se e renova-se o conhecimento sobre um assunto. Através das consultas realizadas nas fontes bibliográficas, exercita-se a capacidade de leitura, análise, síntese, raciocínio lógico e interpretação; aprimora-se a criatividade e a capacidade de expressão escrita e oral; transforma o seu conhecimento empírico em científico; passa-se a ter mais confiança na ciência; prepara-se para o mestrado e doutorado (FERRÃO 2007, p.61).

Ainda consegue-se ressaltar a análise da posição da psicanálise em relação à psiquiatria justifica-se por alguns aspectos. Primeiramente, visa chamar a atenção para a relevância da eficácia nos dias atuais. Em se tratando de sexualidade um dos autores mais convictos para se basear é o filósofo francês Michel Foucault, onde a referências é muito grande para qualquer estudo que se disponha a investigar a sexualidade.

2. A ADAPTAÇÃO DA SOCIEDADE VOLTADA PARA A TEORIA X LITERATURA EXPONDO A LEITURA AO MEIO EROTICO.

Durante séculos com essas dualidades entre esses temas, hoje o caminho para a literatura esta ampla e cada vez mais adaptada para que essa combinação seja simplificada e elas podem conciliar tudo. Contudo, literatura erótica pode ser encontrada no livro, na música, no teatro, no cinema, na TV, e cada leitura proporciona releituras com diversos entendimentos e interpretações. Ler é um desafio. No dia a dia, as leituras feitas são as mais diversas, e todas partem do processo de interação entre o leitor e o texto com o objetivo de satisfazer a curiosidade sobre o assunto lido. Todo texto tem uma finalidade que faz com que o leitor se situe perante ele: fantasiar, buscar informações, confirmar ou refutar um conhecimento prévio, propiciar a reflexão e discutir ideias.

Sobretudo, o desenvolvimento das relações humanitárias envolveu essa massa de poderes em uma estrutura dinâmica de condições e fatores diversos, impondo aos sujeitos a criação e efetivação de estratégias de sobrevivência que começaram a se diferenciar, pois muitos leitores estão diferenciando seu gosto pela leitura e para Dupas (1999), deixa isso claro quando descreve sobre alguns fatores, onde diz:

Esses fatores afetam os indivíduos de formas diferentes de acordo com sua inserção na sociedade; seu efeito dependerá da posição de cada indivíduo

em termos de relações de produção (...) sua consciência de classe (ou sentimento de pertencimento) definiu orientações distintas de agregação ou articulação em torno de organizações de defesa de seus interesses ou de reivindicação pela satisfação de suas necessidades (DUPAS, 1999, p. 28).

A leitura pela leitura não basta. Antes de conhecer o texto, é necessário saber, também, quem é o autor, as obras já produzidas por ele e os assuntos daquele enredo. Esses elementos prévios da leitura favorecem o entendimento, constroem a interpretação, estabelecem inferências e conjeturas. Agora, vincular leitura ao erotismo é uma boa combinação?

Há alguns anos, houve a popularização de romances contendo passagens eróticas e com isso um aumento significativo de leitores, os quais se utilizam dessa leitura literária como um meio eficaz para despertar o corpo para o prazer e o gozo. Como as pessoas não tiveram (e continuam sem ter) a oportunidade e nem a coragem de falar sobre temas ligados à sexualidade, optam por esse tipo de leitura em busca de respostas que preencham o vazio deixado pelo silêncio há séculos. Pode-se dizer, ainda, que a literatura erótica evoca livremente a sexualidade das personagens como elemento propulsor, levando a um desígnio mais amplo: o despertar da imaginação nos leitores.

O desenvolvimento da sociedade mostra que algumas dessas figuras tornaram-se difusas, chegando quase ao anonimato, nesse processo Zaluar (1997), cita que:

Na sociedade atual, em que as classes sociais, tais como foram reconhecidas e analisadas no século XIX e na primeira metade deste, não são mais as únicas divisões relevantes, segmentarizações múltiplas criaram outras exclusões e novos sujeitos de direito nas lutas que se seguiram (ZALUAR, 1997, p. 4).

E é por esse caminho que se podemos ir, aos poucos, introduzindo obras de uma longa e importante lista de escritores como as de: Safo, Pietro Aretino, Marquês de Sade, David Herbert Lawrence, Vladimir Nabokov, Gustave Flaubert, Henry Miller, Hilda Hilst, Gregório de Matos, Machado de Assis, Caio Fernando Abreu, Carlos Drummond de Andrade, que recorreram ao erotismo propriamente dito para tornar seus textos prazerosos (e muitas vezes quase impubescíveis) com o objetivo de excitar os leitores. Mas não basta o leitor ter em mãos uma obra literária erótica apenas como fornecedor de conhecimentos sobre os temas mencionados sem que a mesma não o esclareça em sua necessidade e o capacite a colocar em prática as sensações despertadas para ir além de si mesmo.

A tendência das novas tecnologias de mídia ajuda as pessoas, em nível de participação, a puxar, criar e distribuir conteúdos de mídia muito mais diversificados, oferecendo, assim, novas oportunidades democráticas. Esse movimento dinâmico de "empurra e puxa" da mídia é um aspecto importante da convergência Jenkins (2006), afirma esse modo e descreve dizendo:

Representa uma mudança de paradigma, a mudança de um conteúdo que é específico de um meio para um conteúdo que flua através de diversos canais de mídia. Esse movimento leva à crescente interdependência dos sistemas de comunicação, em direção de múltiplas formas de se acessar conteúdos de mídia, à existência de relações ainda mais complexas entre a

mídia corporativa autoritária e a cultura participativa libertadora (JENKINS, 2006, p. 243).

Quando temos uma literatura cuja essência é afirmar os direitos da carne, a base passa a ter uma estética de apelo moral, tornando visíveis as dicotomias: erótico quando se fala do sexo apenas nas entrelinhas, mostrando os lados: alto/nobre e belo da literatura; o pornográfico quando se descreve o ato sexual em si ou dos genitais, feio/sujo. Na ausência de um conhecimento geral em suas devidas variações, podem-se cometer graves enganos sobre a resignificação dos textos e sobre seus criadores. A noção de liberdade sexual e sua progressão no tempo - suas mutações e suas contradições - tornam possíveis avaliar se um texto erótico é bom ou ruim; e ainda, se ele pertence à literatura ou a um documento psicopatológico.

Por outro lado, parece haver, por parte daqueles homens, uma atração pelas marcas da desigualdade visíveis na pele. Uma pele que, na proposta de Brah (2006), associa-se com a cultura, conformando uma identidade “natural”, onde declara que:

A pele, como a significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como ‘conhecimento geral’ de uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais (BRAH, 2006, p.121).

O ato de ler na atualidade distingue-se dos séculos passado, uma vez que a atuação do leitor se constitui nos processos de leituras superficiais. Entretanto, não se pode esquecer a necessidade de resgatar o comportamento humano diante das obras literárias, dando um novo contexto tanto para os textos como para os leitores. A literatura que utiliza em sua forma de expressão, o erotismo não pode ter a sua conceituação reduzida devido a sua natureza polemica e também, por fazer parte dos tabus e das transgressões humanas que nascem de obscenidades como orgias, sacrifícios, incesto, prostituição, adultério, homossexualidade, fetiches. A proposta é tratar a literatura erótica a partir da beleza e da nobreza que os textos – tanto em prosa como em versos - podem proporcionar ao leitor, passando pela filosofia, psicanálise, sociologia, ética e, sobretudo, sexo e sexualidade. Faz-se necessário provocar reflexões e entendimentos para o corpo em seus prazeres e gozos, e incendiar as controvérsias desde o conservadorismo ao liberalismo.

As preferências estão aqui relacionadas com as possibilidades de experiências, mas ao mesmo tempo em que deve ser “exótico”, provocando o desejo, este não pode ser tão distinto ou tão distanciado a ponto de se perderem os códigos que compõe a gramática erótica colonial, impossibilitando a fruição do prazer Leitão (2007), aborda essa fase e destaca dizendo que:

A construção do exotismo requer contato e sobreposição de mundos. O exótico está sempre situado, não no absoluto desconhecimento, mas na tensão entre conhecido e desconhecido, entre próximo e distante. Aquilo que é estranho demais ou absolutamente desconhecido dificilmente poderá ser fonte de exotismo já que, para que a elaboração de representações a respeito do outro aconteça, são necessárias pistas mínimas que conduzam o pensamento (LEITÃO, 2007, p. 213).

A arte não se intimida ao desnudar-se, no entanto, aprender a ler e a conviver com a literatura erótica em tempos que a ausência e a presença se disfarçam com o próprio tempo de vida, pode ser um disparador de fantasias, de imaginações, de descobertas bem menos hipócritas; encorajando aqueles que leem a redescobrir caminhos para o seu próprio prazer e satisfação, transcendendo o campo do texto e abrangendo todo o tipo de representação erótica.

2.1 OS CAMINHOS DO EROTISMO E AS SEXUALIDADES PARTICULARES

É próprio de um Herético, quer dizer, daquele que tem uma opinião particular, aferrar-se às suas próprias ideias.
– Jacques Bossuet

A maneira refinada e detalhada com que os embates sexuais intermináveis, revelam o caráter descritivo e confessional que o sexo irá assumir na modernidade.

Contudo, em um romance muito famoso do grande escritor Francês, Marquês de Sade, com a obra “A filosofia na Alcova”, onde o escrito original foi em Francês (*La philosophie dans le boudoir*), foi publicado clandestinamente em 1795. O Marquês de Sade foi um aristocrata francês e escritor libertino. Muitas das suas obras foram escritas enquanto estava na *Prisão da Bastilha*, encarcerado diversas vezes, inclusive por Napoleão Bonaparte. De seu nome surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro ou parceiros. Foi perseguido tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão.

Revelando sobre curiosa e dedicada os prazeres infindáveis de uma sexualidade que precisa ser exposta, mesmo que de forma violenta, com finalidades educativas e libertadoras Sade (1999), deixa claro, onde diz que:

Imaginava que me apegando às mulheres, eu teria juízo; que meus desejos, (...), não se expandiriam para o vosso [sexo]. Projetos quiméricos, meu caro; os prazeres de que queria privar-me se ofereceram ao meu espírito com mais ardor ainda, (...) pois quando se nasce como eu para a libertinagem, é inútil querer se impor freios (...). Enfim, meu caro, sou um animal anfíbio; gosto de tudo, tudo me diverte; quero reunir todos os gêneros (SADE, 1999, p. 15).

Marquês de Sade era um escritor que sempre amou mulheres talentosas a suas aventuras, embora tivesse um comportamento sexual atípico, defendendo o coito anal e chegando a pagar criados para sodomizá-lo publicamente em suas orgias, das quais a primeira mulher, Renné de Sade, teria participado. Muitos estudiosos da cultura e da literatura relacionaram como o gosto pelo lixo e pela sujeira, que na ficção sadeana desembocam na apologia do crime e na erotização da fealdade e das mais atrozes torpezas.

Atualmente, estudiosos da cultura e da literatura, como o sociólogo Ottaviano de Fiore, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), compartilham a determinada opinião, dando crédito ao comportamento e a imaginação literária do autor de '120 Dias de Sodoma' a neuroses relacionadas à parafilias, onde fala: "Posta em sua época, ela remete à visão de seres humanos descontínuos, isto é, não vê como atualmente se vê um contínuo humano, mas vê um mundo repartido em que gays e outras minorias seriam descontínuos em relação

a um padrão de ser humano dito normal, isto é, o gay seria o outro, que não compartilharia da mesma condição humana, ou seja, um ponto de vista hoje considerado preconceituoso e racista, pois o padrão do ser humano mudou", afirmou o sociólogo.

Se pararmos pra observar e analisar; antes o sodomita era punido em função dos atos que perpetrava, a partir da classificação psiquiátrica, o homossexual surge como uma figura completamente singular, cuja existência é absolutamente perpassada por suas relações com o mesmo sexo, definindo quem ele é e quem pode vir a ser.

Diante desses aspectos, é com a apropriação e definição das sexualidades pela psiquiatria que se tem uma verdadeira explosão de tipos perversos. Designados por uma nomenclatura exótica e intensa, toda uma fauna de pervertidos e desviantes das nobres finalidades reprodutivas foi produzida: os exibicionistas, os fetichistas, os zoófilos ou zooerastas, os automonossexualistas, os mixoscopófilos, dentre muitos outros.

Ao tomar a questão reprodutiva e, por consequência, a família como modelo e ponto central de atuação para o dispositivo da sexualidade, tornam-se compreensíveis as leituras médicas propostas para o entendimento da perversão.

Diante dos fatos declarados entre psiquiatria e instinto sexual, Valas (1990) deixa explícito, onde descreve dizendo que:

A explicação ocorre através da noção de instinto sexual. É, portanto, a partir de um apelo à natureza, uma natureza que pode ser desviada de seus propósitos mais relevantes, que se atribui à degenerescência do instinto sexual a origem dessas sexualidades sem destinação e possuidoras de uma lógica que visa estritamente o prazer e suas variadas formas de obtenção (VALAS, 1990, p. 16).

Quando mantido, então, dentro da normalidade de seus objetivos, o instinto sexual visa o direcionamento inquestionável de um sexo para o outro, tendo em vista que ter filhos é o que há de mais fundamental para a manutenção de qualquer espécie.

Essas ideias ressaltam justamente por meio das deformações que esse instinto sexual pode sofrer o interesse do psiquiatra Krafft-Ebing foi despertado, levando-o a escrever sua famosa *Psychopathia Sexualis*. Richard von Krafft-Ebing foi um psiquiatra alemão que introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual. Essa obra clássica, amplamente utilizada por médicos de sua época e com várias reedições, é composta por uma quantidade bastante significativa de casos que exemplificam os hereditários e degenerescência.

Sobre todas essas desinências do trabalho de Krafft-Ebing, Roudinesco (2008), descreve essas fases e diz que o trabalho de Krafft possui, portanto, um caráter de inventário, e de classificação, onde deixa claro que:

Vasto conjunto de vidas paralelas e infames, das quais coleta todas as metamorfoses, (...) um quadro sórdido, misturando compaixão à ridicularização (ROUDINESCO, 2008, p. 86).

Essas vidas paralelas e infames, compostas por um aumento de tipos padronizados pederastias, exibicionistas, fetichistas, necrofilicos, sádicos e masoquistas, revelam para o psiquiatra Krafft-Ebing os desvios maléficis que uma sexualidade sem fins civilizatórios pode tomar. Para o ele, a vida se constitui num interminável duelo entre a animalidade sempre presente em cada um de nós e os valores morais superiores que erigiram a vida civilizada (certamente, europeia e ocidental). Isso nos remete à influência das pesquisas de Darwin na sexologia do século XIX. É por meio do darwinismo que a ciência sexual passa a conceber a existência, no homem civilizado, de uma faceta remanescente de seu passado bestial, que pode vir à superfície caso ele não se submeta aos ditames da moral sexual civilizada.

Ao descrever sobre sexualidade podemos concordar com Krafft-Ebing (1886), onde ele descreve e deixa transparecer dizendo que:

O homem se coloca de uma vez no mesmo nível que o animal se ele procura satisfazer a luxúria sozinho, mas ele eleva sua posição superior quando restando o desejo de animais ele combina com as idéias funções sexuais da moral, do sublime, e o bela (KRAFFT-EBING, 1886, p. 1).

Antes do surgimento da psicanálise, foi através da ciência sexual, tendo em Krafft-Ebing um de seus mais notórios representantes, os mistérios, os segredos e, principalmente, as patologias relacionadas à sexualidade foram desveladas. Certamente, em função dessa anterioridade em relação à psicanálise, Freud não ficaria imune nem às repercussões da Psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing nem aos trabalhos de tantos outros médicos que atribuíam à sexualidade um papel de suma importância para todos os aspectos da vida.

Entretanto, ainda que inserida no mesmo contexto da sexologia, a psicanálise traz algumas descontinuidades em sua construção clínico-teórica que a fazem divergir, de maneira fundamental, daquilo que se impunha como discurso na época de seu desenvolvimento. Se a ciência sexual estabeleceu a sexualidade no âmbito biológico/reprodutivo, a psicanálise irá inseri-la num registro de outra ordem.

Observando esse histórico de sexualidade e contexto histórico Birman (1999), deixa explícito sobre o trabalho de Krafft-Ebing, onde descreveu que:

Uma pluralidade de objetos possíveis, sendo o indivíduo de outro sexo apenas um dentre os diversos objetos eróticos (...) transformando em postulados científicos uma série de interditos e de normas sobre a sexualidade que se constituíram no Ocidente desde o cristianismo (BIRMAN, 1999, p. 20-32).

Defender uma ideia de erotismo através das determinadas teorias significa, pois, um caminho possível para se pensar na sexualidade como passível de ser desvinculada da perspectiva limitante em que a 'Sexualidade Científica' se posicionava. Tal posicionamento vem assumindo novos contornos. Certamente, ainda parece visar certo enquadramento do âmbito sexual. Assim, que já não estejamos mais tão imersos no campo da normalização próprio à ciência sexual, é indubitável que a forma como compreendemos a sexualidade tem sofrido modificações.

2.2 A DIVERSIDADE SEXUAL E O COMPORTAMENTO CONTEMPORÂNEO

A sexualidade assume infinitos encaminhamentos, trajetões e significações, marcando, assim, seu caráter de erotismo, hoje também experiência-se um sexo sem fim. E isso ocorre não apenas por estar presente em todo lugar, seja na mídia eletrônica ou no cotidiano mais banal, mas também pelo fato de se encontrar de algum modo desvinculado de qualquer finalidade.

Dessa forma, o sexo suportado pela medicina, atrelada à tecnologia, encontra-se mais próximo de tentativas de aprimoramento saudável de desempenho do que necessariamente de uma busca pelo prazer. Deve-se retirar do sexo qualquer forma de incomodidade, podendo até mesmo prescindir-se da existência de um parceiro, substituí-lo por encontros virtuais. Com isso, se antes o sexo era valorizado em seus perigos e mistérios, hoje se encontra situado como um objeto de consumo de massa.

Mediante fatos e reparos, Cunha (2010) ressalta dizendo que:

É contingente e histórica, é preciso interrogar se sustentar a permanência dessa forma discursiva particular, que centra a subjetivação e a construção de um domínio de si na sexualidade, não seria uma forma de recusar a transformação contingente das formas possíveis de existência (CUNHA, 2010, p. 96).

Diante disso, a multiplicidade encontra-se minimizada não apenas em função de sua apropriação por um discurso médico que tenta impor a felicidade e o bem-estar para todos através daquilo que possa afetar a corporeidade, como os medicamentos, as cirurgias, os exercícios físicos entre outros, mas também por meio do consumo, ou seja, aquilo que é associado ao mercado de produtos. É, portanto, sob a égide (defesa) da diversidade sexual que uma nova forma de regulação da sexualidade parece estar se constituindo.

Por isso, ao constatar a impossibilidade de haver uma conciliação entre as pulsões sexuais e as imposições civilizatórias, Brandão (2010), descreve dizendo que:

(...) Freud fez críticas contundentes à hipótese da degenerescência e da hereditariedade, questionou a moral higienista, rompeu com o positivismo científico, atribuiu primazia às fantasias e à pulsão em vez dos comportamentos e, por fim, aproximou a perversão dos prazeres normais de uma forma como jamais alguém fizera (BRANDÃO, 2010, p. 227).

Conforme caracterizada anteriormente por Krafft-Ebing, a antiga fauna de tipos perversos evocada por Foucault e tão cara à psiquiatria oitocentista que parece ter se transmutado numa diversificação de minorias. Tais minorias extrapolaram o saber médico-científico no qual estavam inseridas e passaram a voltar-se para a reivindicação de direitos impensáveis até bem recentemente. São “formas de conduta há pouco tidas como ignominiosas” como ressaltou Lipovetsky (2005), que estão à procura de legitimidade. Mesmo que esse modo de buscar uma legitimação ainda se encontre assemelhado ao caráter classificatório que foi definido, na

modernidade, pela ciência sexual e por sua terminologia. Mantém-se, portanto, uma diferenciação em relação ao outro pela via do exercício da sexualidade: homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais entre outros.

Reduzir-se a uma identidade sexual, ainda que sob pretensões igualitárias, pode ser tão limitante e excludente como aquilo que foi determinado pela *Scientia Sexualis*. Utilizando-a da observação de Prata (2010), há uma perda da "potência de subversão do múltiplo".

Congregando a diversidade a expectativa de bem-estar na sexualidade, o consumo e o empobrecimento da sexualidade em seu caráter erótico, Gregori (2005) traz uma interessante constatação em relação a essas questões. De acordo com a antropóloga, a busca por um corpo saudável vem servindo como referência a esse novo formato assumido pelo erotismo nos dias atuais, esvaziando-o de sentidos que possam colocá-lo como fonte de mal-estar. Com isso, haveria uma tentativa de legitimar as variadas práticas sexuais, como o sadomasoquismo, por exemplo, tornando-as assépticas.

Comentando a respeito dos manuais sobre sexo, Gregori (2005) afirma que em linhas gerais:

Eles não se diferenciam de livros de ginástica que ensinam como fazer exercícios físicos da maneira mais eficiente e correta. E, estendendo tal percepção a outros produtos vendidos em determinada sex-shop e que têm a melhoria do desempenho como foco (...) são apresentados com o pragmatismo de uma bula (GREGORI, 2005, p. 87).

A sexualidade, desprovida de sua vertente erótica, acaba tornando-se uma forma de obtenção de prazer que não se diferencia da lógica da saúde que afeta tudo aquilo que fazemos em nossas vidas: "tudo é permitido, pode-se desfrutar de tudo, porém desprovido da substância perigosa" Zizek (2003), deixa isso bem claro. Essa equalização politicamente correta dos prazeres parece negar a multiplicidade de possibilidades para os investimentos pulsionais, inclusive aqueles aspectos do sexual que sempre escaparão às tentativas de inscrição num registro harmônico, ajustado, limpo e feliz.

Como lembra Sontag (1987), em seu excelente ensaio sobre a imaginação pornográfica, onde descreve sobre sexualidade e experiências diz que a "Sexualidade humana é (...) um fenômeno controverso e pertence ao menos em potencial, mais às experiências humanas extremas que às comuns".

Quando se trata de sexualidade ainda tem que se quebrar um paradigma muito grande para não afetar a ninguém no meio social e cultural, uma vez que a sociedade tem que se preparar e se juntar para discutir assuntos relacionados ao meio em que vivemos, pois os seres humanos além de julgar ele sabe muito bem julgar uma etnia diferente. Nos seres humanos devemos se juntar e se ajudar, pois hoje em dia o que precisamos é de união e não de julgamento.

2.3 O SÉCULO QUE PASSOU E A EFICÁCIA NO CAMINHO DO EROTISMO

Quando se trata de erotismo a literatura moderna não se assemelha nem ao erotismo da literatura pagã, nem ao erotismo das literaturas posteriores, tanto em relação ao primeiro quanto ao segundo, mas ainda conservando esta diferença, o erotismo da literatura pagã mantém toda a inocência, a brutalidade e a densidade de uma natureza que o sentido cristão do pecado ainda não percebeu e direcionou contra si mesmo; enquanto que o erotismo da literatura moderna não pode não se dar conta da experiência cristã.

Diante das determinadas escritas Fischer (2012), descreve dizendo que:

[...] não há estruturas permanentes, responsáveis pela constituição da realidade. A constituição do discurso como prática social [...] sublinha a ideia de que o discurso sempre se produziria em função das relações de poder (FISCHER, 2012, p. 74).

Diante dos fatos apresentados, o erotismo da literatura moderna nasce não de um fato natural, mas, sim, de um processo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes. A liberdade dos pagãos era um fato inconsciente, ingênuo; a liberdade dos modernos é, ao contrário, recuperada, reencontrada e reconquistada. Em compensação o erotismo da literatura moderna tem ou deveria ter um caráter especial no que diz respeito aos argumentos que não causam escândalo nem sobressalto, os quais são, em suma, normais; compreendendo, então, com o termo “erotismo” a transformação do sexo em algo cientificamente conhecido e poeticamente válido e por isso insignificante do ponto de vista ético.

Entretanto, a partir do que fala Foucault (2008) é importante ressaltar esse argumento onde diz que:

[...] inútil, em todo caso, ir buscar por detrás do fantasma uma verdade mais verdadeira do que ele e da qual ele seria o signo embaralhado (inútil, portanto, “sintonizá-lo”; inútil também ligá-lo de acordo com figuras estáveis e constituir núcleos sólidos de convergência aos quais se poderia trazer, como objetos idênticos a si mesmos, todos os seus ângulos, fulgurações, películas (FOUCAULT, 2008, p. 233).

Contudo, o sexo torna-se matéria de poesia sem que haja necessidade de recorrer às escoras dos símbolos e aos disfarces da metáfora. Pela primeira vez, depois de muitos séculos, podemos hoje representar o sexo de modo direto, explícito, realístico e poético, em uma obra literária, sempre que na própria obra seja necessário. Naturalmente, repetimos que não é de forma alguma necessário falar de sexo; porém precisamos falar dele quando houver necessidade.

Alguns leitores irão perguntar por que é tão necessário falar de sexo na literatura moderna. Podemos responder de modo muito simples que o sexo, no mundo moderno, é sinônimo do amor.

O ato sexual na literatura moderna é ou deveria ser, portanto, não mais a tentação diabólica dos ascetas medievais, nem a delícia quase gastronômica das burguesias do século XIX, mas, sim sua revelação no momento em que se consegue separá-lo do horror moralista e do hedonismo vulgar: uma ação de inserção em uma ordem cósmica e sobre humana. Entendido a partir desse ponto de vista, o sexo é efetivamente algo mais elevado, mais misterioso e mais completo do que o amor; interpreta-se o amor como a simples relação físico-sentimental entre homem/mulher, homem/homem ou mulher/mulher, a forma em si não importa o amor deve acima de tudo submeter aos encantos da paixão.

Na História da Sexualidade Foucault (2007), aponta uma ideia da qual o próprio descreve dizendo que:

[...] o motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo (FOUCAULT, 2007, p. 13).

O erotismo é uma afirmação espontânea da vida e um elemento vital da essência humana; e não deve ser tratado como argumentação desprezível, quando se respeita o ser humano em sua integridade. O vício de certas sociedades e de certas religiões está na partição do ser humano ao meio, declarando-o, em uma metade, nobre, e na outra, desprezível; e foi necessário esperar a véspera da era atômica para que a ciência proclamasse essa realidade, ou seja, que a frustração do erotismo, por ela também assim como, o sono da razão produzisse alguns monstros.

Porém, ainda hoje se sabe que em nenhum campo a intervenção da ciência não vale para exterminar os monstros das culturas pequeno-burguesas; ao contrário, adapta-se, mistura-se a eles em uniões sinistras e degradantes (cujos produtos supremos são, por um lado, as organizações de extermínio e por outro, os passatempos televisivos). Multiplicados e difundidos ao infinito com os meios da ciência e da indústria, os monstros das frustrações furiosas pequeno-burguesas continuam infestando o mundo. A última inimiga deles é a arte: que, pela sua própria definição, não pode estar associada à falsificação.

Sobre esses períodos eróticos Klanovicz (2010), descreve dizendo que:

O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. [...] Mas, no erotismo, [...] a vida descontínua não está condenada a desaparecer: ela é somente colocada em questão. E é exatamente essa descontinuidade, essas “coisas fora do lugar”, que escapa de algum tipo de “controle” social e age no reverso, no contrário da dita “norma pudica” (KLANOVICZ, 2010, p. 154).

Pretender afastar o erotismo da arte é igualmente insano, assim como pretender afastá-lo da vida. Entretanto, certos escritores especialistas em erotismo se sujeitam, na realidade, com muita conformidade, àquela mesma superstição social e religiosa,

com as quais pretende não se conformar. Então, está claro que, para eles, o erotismo ainda é um escândalo, uma espécie de segredo vergonhoso para ser exibido como diversão alheia: enfim, um argumento baixo do estilo cômico. Enquanto que, ao contrário, o erotismo humano é respeitável como qualquer outro argumento necessário à representação do drama real; aliás, é muito mais função da poesia trágica, sendo ele o primeiro elemento natural das relações humanas e do amor. (E o pudor não o desdiz, até que esse mesmo pudor se torne uma graça real da natureza amorosa e não uma angústia absurda da tribo).

Com todos esses escritos sou levado a crer, conforme afirma Queiroz (2000), onde diz:

Trata-se de erotismo levado às últimas consequências, entendendo-se aqui motivos, linguagens e cenas que atingem paroxismos cropológicos e escatológicos, focalizando relações homossexuais, heterossexuais e incestuosas. Há cenas escabrosas, outras jamais imaginadas antes de Hilda no-las apresentar, às vezes como presentes indesejados às finas sensibilidades (QUEIROZ, 2000, p. 23).

Assim, enquanto que a sinceridade de alguns escritores intervém para resgatar o erotismo dos tabus absurdos, a exibição vulgar e escandalosa de outros autores, por outro lado, o condena a permanecer escravo desses mesmos tabus. Em suma, como se ele afirmasse que a primeira é arte, e a segunda, falsificação.

Diferente é o caso daquela narrativa em que a ostentação erótica deseja ser um meio de ruptura e de revolta contra a não evolução de uma sociedade decaída. Sua qualidade a associa aos rituais orgíacos que nas cerimônias fúnebres resgatavam os princípios vitais contra a corrupção mortuária. E mesmo que sua retórica a coloque, com constrangimento, como ocorre com frequência, para aquém da arte, a sua função é, sem dúvida, saudável à cultura moderna.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que formos compreendendo o direito que cada um possui de pensar com formas diferentes, precisamos nos colocar, enquanto pessoa, à disposição para a pesquisa e para a produção de estudos sobre esta questão. Pois, nessa temática, a Psicologia também pode contribuir com a incorporação de temas relacionados à homossexualidade, pautando seus estudos na exigência por respeito, sem perder a afirmação da sexualidade e na demanda da criminalização da homofobia, sem a regulação da diversidade sexual.

Nesse sentido, ele se afirma com a psicanálise enquanto instância de auscultação das tramas e dos labirintos do desejo, dos caminhos tortuosos ao qual o desejo sexual conduz aqueles que desejam.

Com isso, podem ser vistas formas monstruosas de materialização do desejo e percursos da busca de sua realização. As obras que materializam o campo das frustrações pulsionais, tanto no percurso narrativo percorrido pelas personagens, como em alguns lances da repercussão de algumas obras.

Quando se analisa alguns romances, a maior parte dos escritores naturalistas brasileiros têm manifestações eróticas, há um plano de frustrações que se localiza na esfera de uma moral sexual negativa, responsável por uma sexualidade perturbada. Há neles um vínculo direto entre as perturbações mentais das personagens, sobretudo na versão da histeria, e o ambiente claustrofóbico da moral restritiva.

Assim, o que se buscou realizar com este estudo foi mergulhar numa percepção corrente da atividade sexual como uma prática impura e pecaminosa, perpetuada pela tradição cultural, e é substancialmente pelo discurso inovador e transgressor de algumas obras, nos textos de grandes qualidades estéticas, onde eu lírico aparece deleitando-se com os prazeres físicos que seu corpo, por meio do contato sexual, pode proporcionar.

Certamente, é evidente que tal audácia não poderia passar mais intacto pelo olhar conservador da sociedade e as consequências advindas da queda do decoro literário por parte das obras ficcionais. Os obstáculos do interdito ao sexo tiveram que pagar alto preço sendo severamente criticados e perseguidos no meio que viviam, por terem se afastado do meio legal de se viver naquela época, onde tais literaturas eram escândalos populares.

4. REFERENCIA

1. BIRMAN, J. **Erotismo, desamparo e feminilidade: uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade**. Cartografias do feminino. São Paulo: Editora 34. (1999).
2. BRAH, A. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu, Campinas, 2006.
3. BRANDÃO, E. P. **Nem Édipo, nem barbárie - genealogia dos laços entre aliança e sexualidade**. Curitiba: Juruá. (2010).
4. CUNHA, E. L. **O sexo e seus destinos: a psicanálise, o mundo contemporâneo e a história da sexualidade**. In M. R. Prata (Org. Sexualidades. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda. (2010).
5. DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: pobreza, desemprego, Estado e o futuro do capitalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
6. FERRÃO, R. G. **Metodologia Científica para iniciantes em pesquisa**. 3. Ed. Vitória, ES: Incaper; 2008.
7. FIORE. O. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marqu%C3%AAs_de_Sade
8. FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
9. FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. 1999.
10. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: os usos dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
11. FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro, 2008.
12. GREGORI, M. F. **Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M**. Revista Ide - Erotismo, São Paulo. (2005).
13. HALPERIN, D. M. **Saint Foucault: a gay hagiography**. New York: Oxford University Press, 1995.
14. JENKINS, H. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University, 2006.
15. KLANOVICZ; Luciana R. F. **Imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras**; In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2010.
16. KRAFFT-EBING, R. V. **Psychopathia Sexualis com referência especial ao instinto sexual antipático, um estudo médico- forense**. New York: Rebman Company. 1886.
Disponível em: http://openlibrary.org/books/OL7199919M/Psychopathia_Sexualis

17. LEITÃO, D. K. **Nós, os outros: construção do exótico e consumo de moda brasileira na França**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2007 .

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832007000200009&lng=en&nrm=iso

18. MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, Porto Alegre: 2007.

19. QUEIROZ, Vera. **Hilda Hilst: três leituras**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

20. ROSA, A. C. **Um estudo exploratório sobre o preconceito entre alunos de psicologia**. Akropolis, Umuarama. (2008).

21. ROUDINESCO, E. **Iluminismo sombrio ou ciência bárbara? A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Zahar. (2008).

22. SADE, M. **A filosofia na alcova**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda. (1999).

23. SONTAG, S. **A imaginação pornográfica. A vontade radical estilos**. São Paulo: Companhia das Letras. (1987).

24. VALAS, P. **Teorias sexuais do fim do século XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (1990).

25. ZALUAR, A. **Exclusão E Políticas Públicas: Dilemas Teóricos E Alternativas Políticas**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, 1997. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269091997000300003-&lng=pt&nrm=iso.

26. ZIZEK, S. **O hedonismo envergonhado**. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno Mais. (2003).

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200303.htm>.